

# Impessoalização e indeterminação: um estudo da construção verbo (semi) auxiliar + pronome SE + verbo principal em gêneros textuais acadêmicos e jornalísticos

Eneile Santos Saraiva (UFRJ)<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-7067-5017>

## Resumo:

Este estudo tem como principal objetivo analisar os usos da construção verbo (semi) auxiliar + pronome SE + Verbo principal em textos científicos e acadêmicos do português brasileiro. Parte-se do pressuposto de que ela pode ser acionada para promover a impessoalização ou indeterminação. A hipótese inicial da pesquisa é a de que nos textos científicos, a construção seria mais utilizada para promover a desfocalização do eu- enunciador, enquanto que, nos textos jornalísticos, seria mais acionada para tirar de cena a terceira pessoa discursiva. Importam para esse estudo os pressupostos teóricos das teorias socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA, 2017; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2018), construcionista e cognitivista (CROFT, 2001; DIESSEL 2015; FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; HOPPER, 1991).

**Palavras-chave:** Construções com pronome SE; indeterminação; impessoalização.

## Abstract:

### **Impersonalization and indeterminacy: a study of the construction (semi-) auxiliary verb + pronoun SE + main verb in academic and journalistic textual genres**

This study has as main objective to analyze the uses of the construction with (semi-) auxiliary verb + pronoun SE + main verb in scientific and academic texts of Brazilian Portuguese. It is assumed that it can be used to promote impersonalization or indeterminacy. The initial hypothesis of the research is that in scientific texts, the construction would be more used to promote the defocusing of the discursive first person, while, in the journalistic texts,

---

1 Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras/UFRJ. E-mail: [eneilesaraiva@yahoo.com.br](mailto:eneilesaraiva@yahoo.com.br).

it would be more used to remove the third discursive person from the scene. Theoretical assumptions of the socioconstructionist theories (MACHADO VIEIRA, 2017; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2018), constructionist and cognitivist (CROFT, 2001; DIESSEL 2015; FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; HOPPER, 1991) matter for this study.

**Keywords:** Constructions with SE pronoun; indeterminacy; impersonalization.

## 1. Introdução

Este artigo busca analisar o uso da construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + Verbo Principal (VP) + [SN/SO] + [participante 1 suspenso], que se configura na predicação realizada com a presença de um verbo (semi) auxiliar, geralmente com a característica modalizadora, associado a um verbo principal transitivo direto e que projeta um Sintagma Nominal (SN) ou Oracional (SO) + um participante, responsável pela ação, que fica suspenso. Tenciona-se investigar seu acionamento com o objeto de promover a impessoalização ou indeterminação em textos acadêmicos e jornalísticos escritos do português brasileiro (PB) e averiguar se a referida construção se comporta de maneira diferente nos domínios textuais analisados. A seguir exemplos das estruturas em análise:

**Ex. (1):** Assim, **espera-se comprovar**, por meio dessas análises, levando-se em conta alguns pressupostos funcionalistas, bem como as noções de fala e escrita e de sequência textual, que o articulador de cláusulas *onde* tem se comportado de maneira tão multifuncional quanto o conector universal *que*. [Dissertação, Letras, UFRJ, 2017]

**Ex. (2):** **Pretende-se reduzir** a carga de impostos sobre o lucro das empresas de 34 para cerca de 20. A perda de arrecadação seria compensada com a volta do Imposto de Renda sobre os dividendos distribuídos aos acionistas. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

Em (1), observa-se que o participante 1 suspenso pode ser recuperado como o próprio autor da dissertação, que pretende comprovar algo referente ao seu objeto de estudo (*Eu espero comprovar...*), ocasionando, assim, a impessoalização; já em (2), o termo suspenso é diferente do autor do texto, ou seja, quem pretende reduzir a carga de impostos está indeterminado.

Dessa forma, a hipótese inicial desta pesquisa é a de que a construção em estudo pode ser acionada com funcionalidades diferentes, a partir das intenções dos usuários da língua. Acredita-se que a construção seria mais acionada no discurso acadêmico com o intuito de promover a impessoalização, enquanto que no discurso jornalístico promoveria mais a indeterminação. Pretende-se propor uma descrição das principais relações polissêmicas dos constructos em estudo, haja vista a produtividade das estruturas nos textos analisados.

Espera-se, assim, elaborar uma análise das configurações formais e funcionais da construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + Verbo Principal (VP) + [SN/SO] + [participante 1 suspenso], com base em pressupostos teórico-metodológicos das teorias socioconstructionista (MACHADO VIEIRA, 2017; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2018), constructionista e cognitivista (CROFT, 2001; DIESSEL 2015; FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; HOPPER, 1991).

## 2. Procedimentos teórico-metodológicos

A partir dos fundamentos da perspectiva funcionalista em que a língua é apreciada como um instrumento de comunicação e interação, nesta pesquisa, almeja-se investigar a função que as formas linguísticas exercem no momento do uso, em contextos específicos: produção científica e escrita acadêmica. Assim, à luz dessa teoria, pretendem-se avaliar motivações discursivo-pragmáticas que possam influenciar no uso da construção em análise.

De acordo com Croft (2001) as construções linguísticas são consideradas pela possibilidade de serem maleáveis e adaptáveis às necessidades expressivas e comunicativas, sendo seu significado apenas validado no contexto de comunicação.

Sob a perspectiva da Gramática de construções (FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006), as unidades linguísticas são consideradas a partir da relação indissociável entre forma e sentido, que seria, por assim dizer, o cerne da construção.

Segundo Goldberg (2006), cada construção possui significação independente do significado das palavras que a compõem. De tal modo, uma mesma construção pode instanciar inúmeros construtos, a depender de fatores como contextualização ou variações semânticas.

Construções gramaticais podem ser estabelecidas por itens isolados ou estruturas formadas por dois ou mais elementos (GOLDBERG, 1995). Dessa forma, um mesmo padrão construcional pode ser preenchido por vários verbos e, a partir das experiências vivenciadas pelos usuários da língua, surgem novas significações.

Para este estudo da construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + Verbo Principal (VP) + [SN/

SO] + [participante 1 suspenso], interessamos a gama de possibilidades de junção de construções a verbos, ou seja, a teoria da Gramática das construções possibilitará a compreensão e análise da integração entre os papéis participantes, associados ao verbo (*frame* semântico) e os papéis argumentais, associados à construção.

Dessa maneira, busca-se observar determinadas redes polissêmicas para os usos das construções a serem analisadas. A tendência, no português brasileiro, ao não preenchimento do termo que exerce função de agente, nessas construções, deixando assim, em suspense o participante da ação, propicia que tais estruturas sejam, por analogia, acessadas no momento da produção textual para desfocalizarem/afastarem o pesquisador dos dados apresentados ou indeterminarem o discurso. Com base nesses pressupostos teóricos, pretende-se partir de uma análise que compreenda, além de aspectos sintáticos, os semânticos e pragmáticos para estabelecer descrições dos usos das estruturas em análise.

### 2.1 Indeterminação e impessoalização discursiva

São contempladas, nos compêndios gramaticais tradicionais, duas estratégias de indeterminação do sujeito, a saber: verbo na terceira pessoa do plural, quando não há referência explícita anterior que acuse a identidade do sujeito (*Deixaram* o computador ligado durante à noite) e verbo transitivo indireto ou intransitivo + SE (*Necessita-se* de computadores novos/ *Vive-se* bem nos Estados Unidos).

Entretanto, outras estratégias de indeterminação podem ser percebidas no português brasileiro e destacam-se: o uso do verbo na terceira pessoa do singular (*Diz* [=dizem] que era uma vez quatro ladrões muito

sabidos e finos – Câmara Cascudo, Contos Tradicionais do Brasil<sup>2</sup>); passivas analíticas (O banco foi assaltado); uso de algumas formas pronominais com valor indeterminado, como “a gente”, “você” (*A gente conversa tanto sobre política aqui no Brasil / Você vai no shopping e não sabe o que fazer*) e uso de expressões nominais, tais como “geral”, “galera” (*Geral já está comentando sobre o filme / A galera não parava de falar durante o show*).

As estratégias acima são mais produtivas, com exceção das construções passivas, na modalidade oral e a construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP aparece como alternativa para a indeterminação no texto acadêmico/científico em que há recomendações sobre o apagamento de marcas de primeira pessoa.

Consideram-se como sentenças impessoais aquelas em que não há a expressão de um sujeito com conteúdo semântico. Em geral, são descritas nas gramáticas orações que expressam condições meteorológicas/temporais (*Choveu no Rio de Janeiro / Faz muito tempo que não vejo Maria*) ou existenciais (*Há muita gente na festa*).

Todavia, estudos apontam outras formas de promover a impessoalização. Para Negrão et al (2008), nas sentenças: “Tem que comprar um computador novo pra sala de projetos” e “E Com a mudança no Lattes, precisa verificar tudo, item por item” há a impessoalização no âmbito discursivo-pragmático. Nessa perspectiva, as sentenças com Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP podem ser utilizadas no discurso acadêmico e jornalístico, tendo como um dos objetivos neutralizar as marcas de envolvimento do enunciador. De acordo com Machado Vieira (2017):

2 Exemplo, extraído de Bechara (1988, p. 30), em que o gramático veicula a ideia de indeterminação também ligada a verbos na terceira pessoa do singular.

A impessoalização discursiva é uma estratégia de polidez [...] comum no discurso acadêmico: uma forma de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou interlocutor na interação comunicativa, por meio da distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele. (MACHADO VIEIRA, 2017, p. 85)

Dessa forma, pretende-se analisar em que medida a construção é acionada pelo usuário da língua para promover a indeterminação ou impessoalização e se a modalidade discursiva (jornalística ou acadêmica) pode influenciar nesses usos. Uma vez que, nos textos acadêmicos, há uma exposição maior da figura do autor, que precisa indicar procedimentos, etapas e metodologias da sua pesquisa, acredita-se que a construção seja mais acionada para promover a impessoalização, enquanto que, nos textos jornalísticos, que possuem a característica de fazerem referência a pessoas diferentes do eu-enunciador, a construção seria mais acionada para veicular a indeterminação.

## 2.2. A predicação com verbo (semi) auxiliar + SE + VP

Nesta seção, pretende-se analisar a estrutura de predicação da construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP. Machado Vieira; Saraiva (2013), apontam para a complexidade de se analisar tais estruturas, dada a leitura a ser feita do Verbo 1 (V1), que pode ser interpretado como verbo predicador ou verbo (semi) auxiliar. De acordo com Bechara (1988):

Esta possibilidade de se considerar ou não como locução verbal o agrupamento de dois ou mais verbos leva-nos a usar o singular ou plural em construções como:

DEVE-SE promulgar as leis.

ou

DEVEM-SE promulgar as leis.

Com o verbo *deve-se* no singular, não se

considera o conjunto como locução verbal: *deve-se* é um verbo principal na voz passiva pronominal, e o seu sujeito é a oração reduzida de infinitivo *promulgar as leis*. (...)

No segundo caso, *devem-se promulgar as leis* constitui uma locução verbal, formada do verbo auxiliar modal *dever* e do verbo principal *promulgar-se*, na voz passiva pronominal, e o seu sujeito é o plural *as leis*, o que obriga a concordância de *devem-se promulgar: as leis devem ser promulgadas*. (...) (BECHARA, 1988 p. 185)

Neste artigo, a construção é estudada considerando o V1 como (semi) auxiliar e que, juntamente com o VP projetariam argumentos. Gonçalves; Costa (2002), no estudo de auxiliaridade no Português Europeu (PE), apontam que para um verbo ser classificado como auxiliar deve atender aos seguintes parâmetros: (i) impossibilidade de co-ocorrência com orações completivas finitas; (ii) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa; (iii) impossibilidade de co-ocorrência de duas posições de Sujeito; (iv) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente; (v) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito; (vi) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar; (vii) não seleção do Sujeito; (viii) co-ocorrência com qualquer classe aspectual de predicados verbais; (ix) Impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito.

A partir dessa perspectiva de análise, as autoras, considerando gramáticas luso-brasileiras consideram que somente os verbos *ter* e *haver* seguidos de particípio passado, podem ser classificados como auxiliares no PE. Reis (2008) ao analisar o PB, descreve

que quatro dos critérios utilizados por Gonçalves; Costa (2002) podem ser aplicados em testes de auxiliaridade e são eles: (i) impossibilidade de co-ocorrência com orações completivas finitas; (ii) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente; (iii) não seleção de Sujeito e (iv) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito e, em seu estudo conclui que:

O resultado da aplicação dos testes indica que, a princípio, pode-se dizer que nenhum dos verbos testados para o PB apresenta alguma das quatro propriedades que apresentaram problemas, ou seja, se considerarmos auxiliar no PB somente aqueles verbos que apresentam todas as propriedades propostas por Gonçalves e Costa (2002) para um verbo auxiliar, então o PB não teria nenhum verbo auxiliar. (REIS, 2009, p.469)

Neste estudo, optou-se pela nomenclatura verbo (semi) auxiliar, pois estes ligam-se a um elemento verbal, esvaziados de sua significação lexical, atuando, num só domínio de predicação com o verbo principal. Acredita-se, dessa forma, que tal nomenclatura leva em conta um *continuum* de auxiliaridade, em que um verbo pode funcionar como (semi) auxiliar em diversos níveis.

### 2.3. Metodologia e materiais de análise

Para a composição do *corpus* de análise, consideraram-se textos publicados entre os anos de 2016 e 2019. Foram selecionadas, aleatoriamente, um total de 15 teses e 15 dissertações das áreas de Letras, Direito e Engenharias, acessadas, respectivamente nos portais digitais da UFRJ, UFMG e USP com o intuito de representarem o domínio acadêmico. Na busca por um equilíbrio no número de páginas, foram consideradas, para o levantamento de dados, as 30 laudas

iniciais de cada trabalho, contabilizadas a partir da introdução. Buscou-se trabalhar com as três áreas diferentes do saber com o objetivo de analisar se o conhecimento técnico (representado pelos cientistas da área de Letras) poderia influenciar ou não no uso da construção, ou se o perfil humanas (Direito) ou exatas (Engenharias) também influenciaria de alguma maneira o acionamento da construção.

Para representarem os textos da modalidade jornalística, foram selecionados 500 textos (300 artigos de opinião e 200 editoriais) publicados em edições impressas e digitais dos Jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Esses passam por rigorosas revisões e, assim, buscou-se compor um *corpus* que possibilitasse a análise do uso da construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP em materiais que representassem os usos da norma culta. Cabe destacar que, na etapa de construção de *corpus*, investiu-se no levantamento de dados em notícias e reportagens, mas a construção em análise não se mostrou produtiva nesses gêneros. Esse fato nos orienta a reflexão de que a construção é produtiva em textos mais extensos e autorais, que revelam certo grau

de criticidade e podem requerer posicionamento crítico.

Os dados selecionados foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb X e, procedeu-se, então, à análise a partir de orientações sociolinguísticas (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG.1968), a fim de investigar a variação nos usos da construção, ora com perspectiva de assegurar a impessoalidade, ora para promover a indeterminação. Investigam-se, neste trabalho, os seguintes fatores: tipo de estado de coisas da predicação (em que se busca analisar a dinamicidade dos eventos); funcionalidade pragmática da predicação (intenta-se observar se há alteração da função de uso em relação ao domínio acadêmico ou jornalístico) e o grau de desfocalização do P1 (pretende-se analisar a recorrência da desfocalização do P1 = ao eu-enunciador).

### 3. Resultados

O *corpus* conta com um total de 143 dados. Em um primeiro momento, analisa-se a distribuição da construção entre as fontes analisadas, para verificar se a mesma seria mais produtiva em textos do domínio acadêmico ou jornalístico. Eis os resultados:

**Tabela 1** – Distribuição dos dados pelas fontes analisadas

Tipo de texto	Nº de ocorrências	Percentual
Dissertações	53	37%
Teses	37	26%
Artigos de opinião	20	14%
Editoriais	33	23%
Total	143	100%

Nota-se que a construção é produtiva nos gêneros analisados, com leve frequência de uso maior nos textos científicos. Por esta

razão, investiga-se se alguma área científica específica pode gerar alguma influência para o uso das construções:

**Tabela 2** – Distribuição dos dados pelas fontes acadêmicas

Área científica	Nº de ocorrências	Percentual
Letras	32	35,5%
Direito	33	36,7%
Engenharias	25	27,8%
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>100%</b>

Percebe-se que a construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP é utilizada de forma equilibrada entre as áreas contempladas neste estudo e apreende-se que o conhecimento técnico da língua não é um fator que iniba ou estimule o uso, tampouco a área parece ter influência sobre os percentuais. Dessa forma, percebe-se que processos mentais diversos, além dos relacionados ao uso da língua podem ser associados ao acionamento da construção.

### 3.1 Verbos selecionados para preenchimento dos slots das construções

Viera (2002) aponta que os verbos modais *poder* e *dever*, os mais produtivos no *corpus* na posição de V1, podem produzir diferentes efeitos de sentido e não se apresentam somente como um mero “complemento” do verbo principal. Dessa forma, a autora destaca que eles são “igualmente importantes na construção da argumentação do texto, bem como ajuda a desvelar a atitude do enunciador” (VIEIRA, 2002, p. 111). A tabela abaixo apresenta quais formas verbais foram acionadas para preencherem os *slots* da construção:

**Tabela 3** – Distribuição das formas verbais pelos *slots* da construção

Nº de ocorrências	Slot Verbo1 (V1)	Nº de ocorrências	Slot do Verbo 2 (V2)
1	Cogitar, Começar, Decidir, Ir, Tentar	1	Abordar, Acobertar, Agir, Aguardar, Alinhar, Apresentar, Argumentar, Atender, Atribuir, Buscar, Civilizar, Comprovar, Conhecer, Contestar, Controlar, Corrigir, Defender, Demonizar, Demonstrar, Denominar, Destacar, Descobrir, Desprezar, Destinar, Duvidar, Encontrar, Esperar, Estabelecer, Evitar, Explicitar, Falar, Fechar, Gerar, Investigar, Levantar, Liberalizar, Matar, Mensurar, Negar, Notar, Obter, Passar, Perceber, Plotar, Prender, Priorizar, Privilegiar, Propor, Reconhecer, Registrar, Resumir, Seguir, Simular, Suprir, Traçar, Viabilizar
2	Esperar, Ficar, Procurar, Propor	2	Admitir, Analisar, Compreender, Considerar, Desconsiderar, Destacar, Evidenciar, Ignorar, Menosprezar, Pensar, Perder, Reduzir, Saber, Ter, Verificar
3	Objetivar, Querer	3	Apontar, Estimar, Estudar, Fazer,
13	Buscar	4	Identificar
14	Pretender	5	Concluir
16	Dever	7	Afirmar
80	Poder	7	Ver
		8	Observar
		14	Dizer

Foi observado o acionamento de 15 formas verbais para o preenchimento do *slot* do V1, sendo o mais produtivo o verbo *poder*, seguido pelas formas *dever*, *pretender* e *buscar*. Já para o *slot* do V2, foram acionadas 81 formas verbais e as mais utilizadas são: *dizer*, *observar*, *ver* e *afirmar*. De acordo com Diessel (2015):

As associações entre os verbos e construções não são totalmente previsíveis a partir de critérios semânticos. Além do ajuste semântico, é a experiência do usuário da língua com o padrão estabelecido que influencia os links associativos entre lexemas e construções. (DIESEL, 2015, p. 311)

Com o uso de *poder* e *dever* como (semi) auxiliares, nota-se, na análise do *corpus*, a modalização do discurso, ou seja, o enunciado é “parcialmente” assumido pelo pesquisador ou jornalista, podendo marcar traços de relativização, imposição ou apelação do eu-enunciador.

Já no preenchimento do *slot* do V2, os verbos *dizer* e *observar* foram os mais re-

crutados e, ao serem acionados ao lado de *poder* e *dever*, refletem perspectivas dos enunciadores sobre determinados aspectos discutidos no texto e que são apresentados de forma modalizada, neutralizando, assim, a figura da primeira pessoa.

### 3.2 Tipo de estado de coisas da predicação

A partir desse grupo de fatores, analisam-se quatro tipos de estados de coisas da predicação: (i) dinâmico (com volição do participante 1), em que há o controle do P1 sobre a ação desencadeada; (ii) dinâmico (sem volição do participante), em que não se registra agente controlador das ações previstas pela predicação; (iii) dinâmico (elocutivo, com presença de verbo *dicendi*), em que notam-se asserções, ou seja, conteúdos proposicionais e (iv) estático (processos cognitivos do P1, referente a representação de processos mentais do participante 1) e objetiva-se saber em qual deles a utilização da construção é mais produtiva. A seguir, tabela com resultados:

**Tabela 4** – Distribuição dos dados pelo tipo de estado de coisas

Tipo de estado de coisas da predicação	Nº de ocorrências	Percentual
Dinâmico (com volição do P1)	43	30,1%
Dinâmico (sem volição do P1)	4	2,8%
Dinâmico (elocutivo)	29	20,3%
Estático (processo cognitivo do P1)	67	46,8%
Total	143	100%

A construção demonstra-se mais produtiva no estado de coisas estático, na representação de processos cognitivos do P1 (3) e no dinâmico, com volição do P1 (4) e no dinâmico elocutivo (5); é pouco acionada no contexto com dinamicidade, mas sem volição do P1 (6):

**Ex. (3)** A quitanda tem oferecido encenacas, baixarias e tuítes. Se isso fosse pouco, o Posto Ipiranga de Jair Bolsonaro vende fiado três projetos de emendas constitucionais, daquelas que precisam de três quintos das duas Casas do Congresso. **Pode-se** até **pensar** que a da reforma da Previdência será aprovada. Qual? A que conseguir os três



quintos. [Artigo de opinião, F. de São Paulo, 2019]

**Ex. (4)** No que diz respeito aos julgados, **pretendeu-se fazer** uma busca eletrônica junto ao Superior Tribunal de Justiça e os Tribunais de Justiça Estaduais para verificar os acórdãos que citam a palavra fraternidade em seu conteúdo e que utilizassem do princípio da fraternidade na fundamentação das decisões. [Dissertação, Direito, UFMG, 2017]

**Ex. (5)** Com a devida cautela, **pode-se dizer** que Jair Bolsonaro PSL fez nesta quinta 4 um movimento importante, embora já tardio, nesse sentido. O presidente se reuniu com dirigentes de meia dúzia de partidos, aí incluídos os tradicionais MDB, PSDB e DEM, dando início a uma sequência de conversas a continuar na próxima semana. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

**Ex. (6)** Na contramão desse entendimento, concebe-se acertadamente o direito ao trabalho, à saúde e à educação, entre outros direitos sociais, como prementes e presentes, não **se podendo aguardar** indefinidamente para realizá-los. [Tese, Direito, UFMG 2016]

Em (3), o constructo “*pode-se até pensar*” reflete processos cognitivos (percepção, raciocínio) que o P1 suspenso utiliza para desenvolver suas ideias; em (4), “*pretendeu-se fazer*” revela uma ação a tomada pelo P1, que tem o seu controle, para o desenvolvimento da sua pesquisa; em (5) “*pode-se dizer*”, com a presença de um verbo *dicendi*, proporciona a introdução de uma elocução do eu-enunciador e em (6) “*não se podendo aguardar*”, percebe-se um estado de coisas dinâmico, em que não há controle do P1, por exemplo, sobre sua duração ou realização.

A análise deste grupo de fatores nos orienta sobre a perspectiva de que a construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP revela-

se produtiva em predicções que expressam processos cognitivos, dinâmicos com volição ou elocutivo, o que pode indicar o seu uso nos textos em análise com a perspectiva de desfocalizar, ou seja, tirar de cena o participante 1, responsável pela ação expressa na predicção.

Shibatani (1985, p.832) especifica o desfocamento de agente não como uma mera consequência da promoção do objeto/paciente, mas sim como uma função primária. Assim, de acordo com Morais (2017, p. 160), “o alto grau de desfocamento ocorre quando há maior imprecisão, quando o autor não é envolvido. É um recuso de não envolvimento [...]”.

Para Thompson (1996), o uso da linguagem conjectura a visão de mundo do falante/escritor. Dessa forma, ações/acontecimento envolvidos na predicção da construção em estudo, no âmbito do texto acadêmico e jornalístico, podem ser analisadas a partir da impessoalização ou indeterminação, pois a intencionalidade

### 3.3 Funcionalidade pragmática da predicção

Busca-se investigar as funcionalidades pragmáticas da predicção mapeadas no *corpus*, a saber: (i) expressar um posicionamento crítico do eu-enunciador, (ii) expressar uma ação do eu-enunciador, (iii) expressar uma opinião comum a determinado grupo; (vi) possibilitar a interação entre emissor e receptor e (v) apresentar uma ação sem definição clara de um participante. Pretende-se observar em quais delas a construção é mais acionada, articulando se o domínio acadêmico ou discursivo pode gerar influência nesse acionamento. A seguir, os resultados:

**Tabela 5** – Funcionalidade pragmática da predicação

Função pragmática da predicação	Domínio	Nº de ocorrências	Percentual
Expressar um posicionamento do eu-enunciador	Acadêmico	23	16%
	Jornalístico	4	2,8%
Expressar uma ação do eu-enunciador	Acadêmico	30	21%
	Jornalístico	4	2,8%
Expressar uma opinião comum a determinado grupo	Acadêmico	20	14,1%
	Jornalístico	22	15,4%
Possibilitar a Interação entre emissor e receptor	Acadêmico	5	3,5%
	Jornalístico	0	0%
Apresentar uma ação sem definição clara de um participante	Acadêmico	12	8,4%
	Jornalístico	23	16%
<b>Total</b>		<b>143</b>	<b>100%</b>

A partir da tabela 5, verifica-se a produtividade de uso da construção com as funções pragmáticas de expressar um posicionamento do eu-enunciador (7) e expressar uma ação do eu-enunciador nos textos do domínio acadêmico (8); com a funcionalidade de expressar uma opinião comum a determinado grupo, houve um equilíbrio entre as duas modalidades (9); para possibilitar a interação entre emissor e receptor, não houve produtividade, registrando-se 5 dados na modalidade acadêmica (10); já para a apresentação de uma ação sem a definição clara de um participante, nota-se que a construção foi mais acionada no domínio jornalístico (11):

Ex. (7) Desse modo, **pôde-se concluir** que a justaposição pode ser considerada um procedimento sintático já que essa se caracteriza pela autonomia sintática, pela ausência de conector introduzindo as cláusulas e pela interdependência semântica. [Dissertação, Letras, UFRJ, 2017]

Ex. (8): No capítulo cinco, **propõe-se estudar** o tema pelo viés do Judiciário. [Dissertação, Direito, UFMG, 2016]

Ex. (9): Na entrevista coletiva de técnicos do governo, ontem, já **se ficou sabendo** que, do total de R\$ 490 bilhões devidos ao INSS, apenas R\$ 160 bilhões têm chance de recuperação, informou Cristiano Neuenschwander, procurador-geral adjunto de Gestão da Dívida Ativa da União. Não são suficientes para cobrir um ano de déficit. [Editorial, Jornal O Globo, 2019]

Ex. (10): Retomando as operações fonológicas apontadas por Votre (1978), **deve-se observar** que há dois tipos de redução das formas plenas um que admite dois estágios, ou seja, passa por duas regras ordenadas, que é o caso de *fizeram~fizerum~fizeru* e outro que passa por apenas uma regra, como *não~num*. [Tese, Letras, UFRJ, 2016]

Ex. (11): **Tentou-se**, de início, **acobertar** a barbárie. A primeira versão divulgada alegava uma fantasiosa reação defensiva ao que

teria sido uma investida de bandidos armados. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

Em (7), percebe-se que “*pôde-se concluir*” apresenta um resultado que foi obtido pelo pesquisador no desenvolvimento de sua pesquisa; em (8), “*propõe-se estudar*” remete a uma ação que será tomada em um momento específico do texto; em (9), “*se ficou sabendo*” descreve que uma informação era comum a determinado grupo que assistiu a referida entrevista; em (10), “*deve-se observar*”, verifica-se que o emissor busca uma interação com o receptor, já que aquele deixa clara para este que é preciso observar os tipos de “redução das formas plenas” e, em (11), “*tentou-se acobertar*”, o participante 1 da ação é alguém que não se identifica.

### 3.4 Grau de desfocalização do P1

A partir deste grupo de fatores, pretende-se observar a partir de uma escala<sup>3</sup> de 3 graus, como se pode perceber o esvaziamento da referenciação nos domínios acadêmico e discursivo. No grau 1, foram inseridos os constructos em que se recupera o participante 1 como o próprio eu-enunciador; no grau 2, foram classificados os constructos que funcionam como uma indeterminação genérica (com referência a 1ª pessoa do plural) e, no grau 3, foram selecionados os constructos que revelaram um esvaziamento da referenciação (indeterminação, 3ª pessoa não identificável). A seguir os resultados:

**Tabela 6** – Grau de desfocalização do participante 1

Grau de desfocalização do P1	Domínio	Nº de ocorrências	Percentual
Grau 1	Acadêmico	53	37%
	Jornalístico	8	5,6%
Grau 2	Acadêmico	26	18,2%
	Jornalístico	25	17,6%
Grau 3	Acadêmico	11	7,7%
	Jornalístico	20	13,9%
Total		143	100%

Nota-se, na análise da tabela 6, que os constructos classificados no grau 1, em que pode recuperar o participante 1 = ao autor do texto, promovendo a impessoalização, são mais produtivos no domínio acadêmico (12); já no grau 2, indeterminação genérica, em que há um equilíbrio do uso dos constructos nas duas modalidades e, no grau 3, em contextos de indeterminação, uso maior da construção nos textos jornalísticos:

**Ex. (12):** Levando-se em conta que as gramáticas tradicionais consideram a justaposição como um aspecto referente à forma como as orações aparecem no período composto e, sendo estas, por isso, frequentemente associadas à coordenação assindética, **bus-**

3 Essa escala foi elaborada a partir da proposta de Marmaridou (2000) em que se analisa a escala de efeitos prototípicos do pronome “nós” em função dêitica apresentada em Ferrari; Fontes (2000).

**cou-se analisar** sintaticamente, pragmaticamente e prosodicamente essas estruturas em mídias impressas, já que nesse uso estas configuram contextos reais de comunicação. [Dissertação, Letras, UFRJ, 2017]

**Ex. (13):** Quando se está em uma fila, **pode-se observar** como as pessoas variam a forma de pagamento. [Artigo de opinião, Jornal O Globo, 2019]

**Ex. (14):** **Pode-se falar** o que quiser dos Bolsonaros, mas eles são uma família. Uma grande família, composta do titular com seus filhos, mulheres e ex-mulheres, e de assessores, agregados e amigos idem, juntos por muitas afinidades. Posso imaginá-los aos domingos, no fim da tarde, em volta de uma grande mesa na casa de Jair Bolsonaro, na Barra, dividindo uma pizza também família. [Artigo de opinião, F. de São Paulo, 2019]

Em (12), “*buscou-se analisar*”, recupera-se o participante 1 suspenso como o próprio autor da dissertação (*Eu busquei analisar...*); em (13), “*pode-se observar*” apreende-se, de certa forma que o eu-enunciador está incluso na assertiva que diz respeito a uma ação comum aos entes da sociedade brasileira de observar como as pessoas realizam pagamentos, por exemplo, em filas de supermercados e, em (14), constata-se em “*pode-se falar*”, uma estratégia de indeterminação (qualquer um pode falar) em que se averigua o esvaziamento da referenciação.

Dessa forma, pôde-se observar que o domínio acadêmico ou jornalístico influencia na funcionalidade da construção em estudo, sendo mais acionada no primeiro para afastar a figura do pesquisador, pois nesses textos é recomendado manter o rigor do padrão culto e evitar o uso de pronomes que remetam a primeira pessoa, uma vez que se deve manter a objetividade, pois, ao se anular a presença do pesquisador apresentam-se “os fatos por si mesmos”. (SILVA, 2007, p. 1829).

Já nos textos jornalísticos, a construção apresentou um percentual de uso significativo para promover a indeterminação, uma vez que são textos mais curtos, que fazem referência a personagens externos e deixam, por assim dizer, menos em evidência a figura do autor do que nas teses e dissertações, com um número maior de laudas, em que é preciso descrever metodologias, passo a passo, enquanto que os artigos de opinião e editoriais são mais objetivos.

## Considerações finais

Pôde-se perceber que a construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP é acionada nos textos acadêmicos e jornalísticos como uma estratégia para promover a desfocalização do participante 1, seja ele o próprio autor do texto ou uma terceira pessoa. Verificou-se que ela é mais acionada no estado de coisas estático, em que revela processos cognitivos do P1; nos textos acadêmicos, é mais utilizada para expressar uma ação ou posicionamento do eu-enunciador e nos textos jornalísticos para expressar uma opinião comum a determinado grupo e para apresentar uma ação sem a definição clara de um participante.

Em relação ao grau de desfocalização, no grau 1, em que é possível recuperar o P1 como o próprio eu-enunciador, a construção revela-se mais produtiva nos textos acadêmicos, no grau 2, indeterminação genérica, quando se comparam as duas modalidades, nota-se um uso equilibrado, mas menor quando se foca somente na distribuição dos textos acadêmicos em relação ao grau 1 e maior quando a checagem é feita somente entre os textos jornalísticos e, por fim no grau 3, em que se nota uma referência à 3ª pessoa discursiva, a construção é mais recorrente nos textos jornalísticos.

Dessa forma, apreende-se que a construção é acionada pelo usuário da língua mais

frequentemente para promover a impessoalização nos textos acadêmicos e com a funcionalidade maior de promover a indeterminação nos textos jornalísticos. Acredita-se que, a partir de processos mentais, tais como a memorização, o usuário da língua aciona a construção em estudo como um bloco único, ou seja, ocorre um entrenchamento, fruto das experiências já vivenciadas. Assim, um mesmo padrão construcional pode ser preenchido por diversos verbos, com o intuito de tirar de cena o responsável pela estrutura da predicação.

Textos acadêmicos e científicos, revelam a preocupação com a polidez e a ausência de uso de pronomes de primeira pessoa, fatos que, de certa forma, favorecem a busca pela indeterminação ou impessoalização e corroboram a utilização da construção Verbo<sub>TD</sub> (SEMI AUXILIAR) + SE + VP, pouco utilizadas na fala. Entretanto, por se tratarem de textos com mais volume de laudas e maior exposição da face do eu-enunciador, na área científica, demonstra-se mais produtivo o uso das construções para fins de impessoalização, enquanto que nos escritos jornalísticos que abordam temáticas cotidianas e citam com maior frequência ações de terceiros, predomina a função indeterminadora das construções.

## Referências

BECHARA, Evanildo. **Lições de Português pela análise sintática**. Rio de Janeiro, Padrão, 1988.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, Holger. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar. **The Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 295-321, 2015.

GONÇALVES, Anabela; COSTA, Teresa. **(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares**. Lisboa:

Edições Colibri, 2002.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul.; O'CONNOR, Mary C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. In: **Language**, 64, 3, p. 501-538, 1988.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago and London: The University Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd. **Approaches to grammaticalization**, v.1 Amsterdam: Benjamins, p. 17-37, 1991.

MACHADO VIEIRA, Marcia S.; WIEDEMER, Marcos L. Lexemas e construção: atração, coerção e variação" In.: **Caderno Seminal Digital**. Rio de Janeiro, v. 30, p. 81-132, 2018. Disponível em: <> Acesso em: 15 de março de 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia S. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. In.: **Revista Letrônica**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 82-95, jan-jun 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25061>> Acesso em: 30 de março de 2020.

MORAIS, Fernanda B.C. Os Usos do Clítico 'Se' em Artigos Científicos: mecanismos de impessoalização na escrita acadêmica. In.: **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 20, p. 241-275, 2017. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/22980>> Acesso em: 18 de março de 2020.

REIS, Fernanda E. B. Auxiliaridade no português brasileiro. In.: **Língua, Literatura e ensino**, Vol. III, p. 461-471, 2008. Disponível em.: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/97>> Acesso em: 11 de março de 2020.

SHIBATANI, Masayoshi. Passives and related constructions: a prototype analysis. In.: **Language**, vol. 61, n. 4, p. 821-848, 1985. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/244437975\\_Passives\\_and\\_Related\\_Constructions\\_A\\_Prototype\\_Analysis](https://www.researchgate.net/publication/244437975_Passives_and_Related_Constructions_A_Prototype_Analysis)> Acesso em: 13 de março de 2020.

SILVA, Silvana. Estudo enunciativo da pessoa-

lização discurso de divulgação científica infanto-juvenil: o emprego do pronome você. In.: **IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, 2007, Tubarão. IV Siget, p. 1826-1838, 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/122.pdf>> Acesso em: 30 de fevereiro de 2020.

THOMPSON, Geoff. Voices in the text: Discourse perspectives on language reports. In.: **Applied Linguistics**, Vol 17, No 4 O Oxford University Press, p. 501-530, 1996. Disponível em: <[http://www.isfla.org/Systemics/Print/Thompson/Thompson\\_1996\\_Voices\\_in\\_the\\_text.pdf](http://www.isfla.org/Systemics/Print/Thompson/Thompson_1996_Voices_in_the_text.pdf)> Acesso em: 29 de março de 2020.

VIEIRA, Lúcia M. O. Os modais “dever” e “poder”

e o uso de verbos na forma imperativa na construção da argumentação da campanha “amigos da escola”. In.: **Letras e Letras**, Uberlândia, 18 n 2, p. 111-113, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/download/25137/13955/>> Acesso em: 12 de março de 2020.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, p. 95-195, 1968.

*Recebido em: 09/06/2020*

*Aprovado em: 08/08/2020*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.